

AVALIAÇÃO DE SINTOMAS DE ANSIEDADE EM ESCOLARES DURANTE A PANDEMIA EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, PARANÁ

PAZINI, Heloísa Martendal¹
HUBIE, Ana Paula Sakr²
TERLAN, Gabriela da Rocha³
SCHERER, Rafaela Tonin⁴
TORRES, José Ricardo Paintner⁵

RESUMO

Introdução: A pandemia de 2020 colaborou muito para o agravamento e aparecimento de ansiedade em escolares pelo isolamento social, privação à vida social, desestrutura em casa, mudança repentina na rotina e exposição excessiva à telas. **Metodologia:** Estudo transversal, cuja coleta de dados foi realizada de forma online via plataforma Google Formulários, no mês de maio de 2023, direcionado aos pais e/ ou responsáveis de escolares de idades de 6 a 15 anos ativos em uma Unidade Básica de Saúde em Cascavel, Paraná. **Análise:** Sintomas como tensão, nervosismo e inquietude tiveram prevalência durante esse período, caracterizando mais ainda a ansiedade nos escolares. **Conclusão:** Os resultados confirmam que a saúde mental de escolares durante a pandemia foi atingida já de forma a curto prazo e acabou prejudicando o desenvolvimento, principalmente social dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Impacto. Crianças. Sintomas. Ansiedade.

ASSESSMENT OF ANXIETY SYMPTOMS IN SCHOOLCHILDREN DURING THE PANDEMIC IN A BASIC HEALTH UNIT IN CASCAVEL, PARANÁ

ABSTRACT

Introduction: The pandemic of 2020 contributed greatly to the worsening and appearance of anxiety in schoolchildren due to social isolation, deprivation of social life, disruption at home, sudden change in routine and excessive exposure to screens. **Methodology:** Cross-sectional study, whose data collection was performed online via Google Forms platform in May 2023, directed to parents and/or guardians of schoolchildren from 6 to 15 years old active in a Basic Health Unit in Cascavel, Paraná. **Analysis:** Symptoms such as tension, nervousness and restlessness were prevalent during this period, further characterizing anxiety in schoolchildren. **Conclusion:** The results confirm that the mental health of schoolchildren during the pandemic was already affected in the short term and ended up jeopardizing their development, especially their social development.

KEYWORDS: Pandemic. Impact. Children. Symptoms. Anxiety.

¹ Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: hmpazini@minha.fag.edu.br

² Coorientadora, Médica de Família e Comunidade e professora no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: anahubie@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: grterlan@minha.fag.edu.br

⁴ Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: rtscherer@minha.fag.edu.br

⁵ Orientador e Professor Mestre no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: ricardo@fag.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou avaliar os sintomas de ansiedade e indícios de distúrbios psicológicos decorrentes do período da pandemia, associado ao isolamento e privação social, enfatizando os possíveis impactos futuros que poderão ser causados por esse desenvolvimento incompleto de escolares. Com a realização de um estudo transversal, com aplicação de questionário para pais /ou responsáveis de escolares entre 6 e 15 anos de uma Unidade Básica de Saúde em Cascavel, Paraná, apresentando as respostas em sua maioria em forma de gráfico.

É muito importante prevenir transtornos e promover a saúde mental principalmente ao tratar-se de transtornos de ansiedade; promoção e prevenção ajudam no desenvolvimento infantil, e é nesse momento da infância que intervenções de saúde mental tem extrema importância, fortalecendo as chances de um desenvolvimento saudável perante uma situação não favorável como o isolamento social da pandemia (GUANCINO, 2020, p. 519-531).

Cabe aos profissionais da saúde refletir, discutir e estabelecer estratégias de prevenção secundária perante a saúde mental para minimizar danos além de ações de prevenção terciária para administrar os danos já ocorridos (ROMÁN, 2021, p. 119). Na prevenção secundária pode-se considerar acompanhamento psicológico, terapia, apoio social e desenvolvimento de maneiras para controlar o estresse (ROMÁN, 2021, p. 119).

2. REVISÃO DE LITERATURA

A pandemia do COVID-19 foi decretada no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (UNASUS) e, desde então o Brasil vem sofrendo com mudanças e desafios, seja na saúde pública e privada, na economia, na educação, na política e demais âmbitos que envolvem toda a população brasileira. Um impacto de maior relevância é sob a população de escolares de 6 a 18 anos e seu desenvolvimento social e educacional, mas é a saúde mental a longo prazo que se torna preocupante, pois muitas crianças tiveram maior exposição a experiências divergentes dentro de casa devido ao isolamento social (ROMÁN, 2021).

O impacto da pandemia já se mostra evidente na vida dos pais, principalmente no âmbito financeiro, cuja perda financeira foi considerada um fator de risco para transtornos psicológicos (ARÁUJO, 2021). Também se discute sobre a qualidade da interação entre pais e filhos que é formada já no primeiro ano de vida da criança, referida como apego, que é um fator preditor muito evidente do desenvolvimento comportamental da criança e de distúrbios como a ansiedade (CORREIA, 2021).

Grande repercussão está no fato das crianças, enquanto grupo vulnerável emocionalmente, ao estarem fora das escolas perderem oportunidades de se desenvolverem adequadamente. Acabam não tendo incentivo à prática de exercícios físicos, que melhoram o condicionamento, bem-estar emocional e crescimento das crianças; em instituições públicas, as quais possuem programas de alimentação balanceada e gratuita; orientações de higiene pessoal e bucal e incentivos à cidadania também acabaram ficando ausentes no dia a dia da criança (ARÁUJO, 2021). É levantada a questão da possibilidade de o abuso infantil não ser denunciado por meio da escola (ARÁUJO, 2021), e também pelo fato das crianças se tornarem vítimas e testemunhas de violência doméstica e abusos dentro do próprio lar (PRESA, 2020).

Também para Linhares, as crianças se constituem em uma população vulnerável, e por isso devem ser um ponto de atenção devido ao contexto da pandemia, assim como pessoas com incapacidades físicas e mentais, idosos e portadores de doenças crônicas. Assim como destaca que todo o isolamento também contribuiu para uma perda do desenvolvimento humano, não só desenvolvimento de aprendizagem formal, por exemplo experiências lúdicas compartilhadas, cooperação, convivência com as diferenças, compartilhamento de decisões, controlar impulsos entre outras situações (LINHARES, 2020).

Segundo Guancino, “a ansiedade é uma reação antecipada de ameaça futura, composta por tensão muscular e alto nível de vigilância, levando a comportamentos de cautela ou esquiva”. Para identificar ansiedade nas crianças alguns sintomas podem auxiliar como dor abdominal, náusea, sudorese e palpitação sem causa específica, preocupação excessiva e irritabilidade, evitar situações e medo de falar em público (GUANCINO, 2020).

Os sintomas mais marcantes na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens causados pelo impacto da pandemia, em ordem decrescente são a dificuldade de concentração, irritabilidade, inquietação, agitação, solidão, ansiedade e preocupação (ROMÁN, 2021). Porém, quando se trata de impactos futuros pelas experiências obtidas, a ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e ideação suicida são importantes consequências a serem consideradas nessa população de escolares que vivenciaram a pandemia durante a infância (ROMÁN, 2021).

Em um mesmo estudo sobre o impacto emocional durante a pandemia, foi destacado para adultos que os sentimentos mais comuns foram de medo, incerteza, angústia e ansiedade (ROMÁN, 2021), mas que podem ser observados em crianças também. Corroboram para comportamento e sintomas depressivos, segundo Almeida, que tais sintomas estão “diretamente associados à redução no desempenho escolar, ao maior risco de tabagismo e à ideação suicida, e a vivência de tal patologia no início do desenvolvimento tornando mais propensa a sua reincidência durante a vida adulta” (ALMEIDA, 2021).

Tem-se forte relação entre o isolamento social e a incidência de sentimentos como ansiedade e depressão (ALMEIDA, 2020). Foi evidenciado aumento de níveis de cortisol e piora no desenvolvimento cognitivo em crianças e adolescentes, pois níveis elevados de cortisol estão associados a um pior desempenho na memória e percepção visual (ALMEIDA, 2020). Segundo revisão sistemática evidenciou-se consequências do aumento de estresse durante esse período de pandemia:

Ansiedade, preocupação excessiva com a limpeza, medo excessivo de adoecer ou perder um ente querido, preocupação com os idosos, aumento de acidentes domésticos, transtornos de humor, transtorno de ansiedade, pânico ou transtorno obsessivo-compulsivo e estresse pós-traumático são consequências que crianças e adolescentes podem vivenciar, segundo pesquisas sobre situações pandêmicas.⁶ (ARAÚJO, 2019, p. 374).

Então, devem ser consideradas todas as situações a que as crianças foram expostas, como confinamento social, fechamento das escolas, privação de atividade física e de vida social, mudança radical de rotina, maior exposição a telas, dietas menos saudáveis e também deve-se considerar que muitas famílias que já não eram bem estruturadas tiveram que se adaptar a maior convivência (ARÁUJO, 2021). Um ambiente familiar que não apresenta condutas adequadas tem tendência a levar manifestações de sintomas depressivos, já um ambiente familiar saudável, harmonioso e organizado é tendencioso a ausência de sintomas depressivos (CORREIA, 2021).

Em meio a tantas situações decorrentes desde 2020, a saúde mental e desenvolvimento das crianças se tornam preocupantes para o futuro delas, como destacado mais uma vez e abordado por Eva Diniz em uma análise psicológica (DINIZ, 2021):

A interrupção das atividades regulares fora de casa, nomeadamente a falta de contatos pessoais com colegas e professores, atividades físicas, bem como sentimentos negativos, como o medo da infecção ou da morte, podem diminuir a competência social, emocional e comportamental da criança⁷ (DINIZ, 2021, p. 277).

Uma das consequências perante os transtornos de ansiedade que a pandemia causou a curto prazo e vai continuar causando a longo prazo já é evidenciado em estudos e discutido sua repercussão na evasão escolar, na utilização excessiva de serviços pediátricos, com queixas somáticas ligadas à

⁶ Anxiety, excessive concern with cleanliness, excessive fear of falling ill or losing a loved one, concern for the elderly, increased domestic accidents, mood disorders, anxiety disorder, panic, or obsessive-compulsive disorder, and post-traumatic stress are consequences that children and adolescents may experience, according to research into pandemic situations similar to the current one.

⁷ The interruption of regular activities outside home, namely the lack of in-person contacts with peers and teachers, physical activities, as well as negative feelings, such as the fear of infection or death, may decrease child's social, emotional, and behavioral competence.

ansiedade e também de transtornos psiquiátricos que irão se estender até vida adulta (ALMEIDA, 2020).

A mudança repentina de rotina gerou maior impacto dentro de casa na convivência entre familiares, principalmente na relação pais-filhos, em formas de maus tratos, negligência física e emocional, instabilidade familiar, déficit de aprendizagem, instabilidade financeira e desastres naturais são eventos que confirmam esse impacto (ROMÁN, 2021). Pais e/ou responsáveis com uma boa relação interpessoal exercem papel fundamental no bem-estar da criança, que acaba que por possuir melhores habilidades para resolver positivamente adversidades e desentendimentos (DINIZ, 2021).

Segundo Araújo, a pandemia ao limitar atividades externas e programas de alimentação saudável (e perda de peso) também acaba estimulando um estilo de vida mais sedentário em decorrência da impossibilidade de frequentar-se academias, parques e outras áreas de lazer; somando-se a isso é notável um maior consumo de alimentos processados e industrializados que contém menores quantidades de nutrientes ligados que são necessários para o adequado crescimento e desenvolvimentos gerando um impacto negativo na saúde das crianças e adolescentes.

Os principais desafios encontrados no desenvolvimento dos escolares devido ao isolamento são a ausência direta do professor e colegas da escola, declínio no interesse por aprender coisas novas, falta de tempo e de conhecimento dos pais para ensinar o conteúdo das tarefas. Até mesmo o afastamento de pessoas tidas como referência; como, por exemplo, muitos escolares que foram afastados dos avós, que tinham papel ativo no seu desenvolvimento, tanto social quanto emocional (DOS REIS, 2021).

Discrepâncias de assistência à saúde e desigualdades sociais foram agravadas durante a pandemia, somadas às comorbidades que contribuíram para o agravamento da COVID-19 em pessoas mais vulneráveis socioeconomicamente (SANTOS, 2022). A pandemia gerou de efeitos diretos na saúde das crianças pelo agravo da desigualdade social existente e de efeitos indiretos que acentuam mais ainda essa desigualdade e irão continuar impactando pelos próximos anos pós pandemia (SANTOS, 2022).

Segundo Peixoto, faz-se necessária uma abordagem multidisciplinar com profissionais da saúde, da educação e familiares, na tentativa de diminuir o impacto negativo desta pandemia, pois os efeitos do confinamento podem levar ao começo ou intensificação de doenças psiquiátricas, obesidade ou outras situações (PEIXOTO, 2021).

Quanto ao fato de os escolares serem um grupo mais vulnerável emocionalmente, principalmente a eventos de estresse devido a essa compreensão limitada da situação que foi existir um vírus, ter o isolamento, tudo de forma repentina, da incapacidade e dificuldade de expressar seus

sentimentos. Vale destacar os depoimentos de pais em uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2021, com pais e mães de crianças entre seis e dez anos sem transtornos do neurodesenvolvimento, no qual consta sintomas de tristeza, impaciência, irritabilidade, infantilização, inquietude, agressividade e sensibilidade nas crianças (ROMANZINI, 2022).

3. METODOLOGIA

Estudo transversal que ajuda a identificar possíveis pontos de intervenção (SALGADO, 2023), apresentando como vantagem a observação direta do fenômeno pesquisado em curto espaço de tempo (ZANGIROLAMI, 2018), neste caso os sintomas de escolares cuja coleta de dados foi realizada de forma online via plataforma Google Formulários, durante o mês de maio de 2023, direcionado aos pais e/ ou responsáveis de escolares de idades de 6 a 15 anos ativos de uma Unidade Básica de Saúde do município de Cascavel, Paraná.

Foram incluídos na pesquisa pais e/ou responsáveis de crianças ativas na unidade entre seis e quinze anos e excluídos da pesquisa pais e/ou responsáveis de crianças menores de seis e maiores de quinze anos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos sob o CAAE nº 68207223.0.0000.5219, e o consentimento com o TCLE, foi critério obrigatório para permitir acesso do voluntário ao questionário eletrônico.

Primeiramente foram pesquisadas, nos cadastros da Unidade Básica de Saúde, as crianças com idade entre seis e quinze anos, e deste cadastro foi recolhido o contato do pai e/ou responsável, sendo, posteriormente, enviado o questionário via Google Formulário pelo WhatsApp duas vezes, com intervalo de uma semana entre cada envio, com o TCLE e a Escala Multidimensional de Ansiedade para Crianças (MASC) adaptada às perspectivas dos pais. Tal escala avalia os sintomas ansiosos na infância em quatro aspectos: sintomas físicos, ansiedade social, comportamento de evitar o dano e separação/pânico (FREITAS, 2018).

4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em média 1000 formulários foram enviados via WhatsApp com apenas 142 respostas. Dentre as respostas obteve-se que 81% dos voluntários eram mães dos referentes pesquisados, 14% eram pais, 2,1% avós e 2,8% tinham outro parentesco. 14,1% dos escolares tinham 9 anos, assim como 14,1% 10 anos, 12% 8 anos, 11,3% 7 anos, 9,9% 6 anos, 9,9% 11 anos, 8,5% 15 anos, 7,7% 12 anos, 7,7% 14 anos e por fim, 4,9% tinham 13 anos. 52,8% dos escolares eram do sexo masculino e 47,2% do sexo feminino.

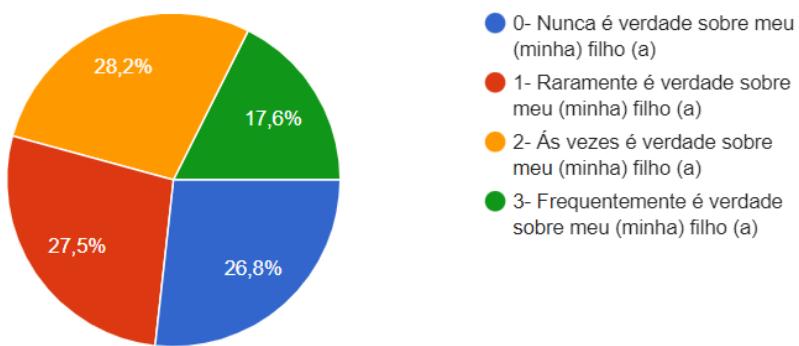
Ao serem perguntados sobre sentir o filho tenso ou nervoso durante a pandemia e com o isolamento social, foi evidenciado que 64 das 142 respostas se deram por “às vezes” o filho se sentir assim, o que acaba por explicitar também a ansiedade recorrente nos escolares no período da pandemia, exemplificado no Gráfico 1. E ao perguntar sobre seu filho se sentir inquieto e nervoso, 40 das respostas também se deram por “às vezes”, mas 39 foram respondidas como “raramente” e 38 como “nunca”, conforme demonstrado no Gráfico 2. Evidenciando que os sintomas de ansiedade como tensão, nervosismo e inquietude estiveram presentes.

Gráfico 1 – Seu filho fica tenso ou nervoso?



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 2- Seu filho se sente inquieto e nervoso?



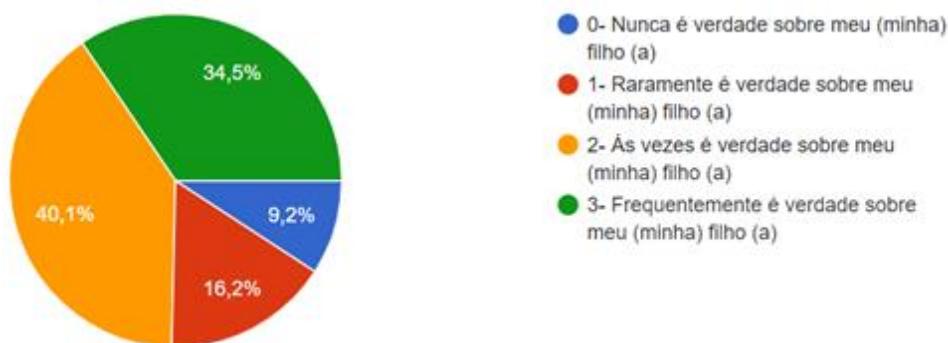
Fonte: Dados da Pesquisa.

Quando perguntados sobre o filho se importar ao rirem dele, as respostas obtidas foram compiladas e expostas no Gráfico 3. As respostas da questão sobre o filho sentir medo se outros(as) meninos(as) gozem dele, são apresentadas no Gráfico 4, sobre seu filho ter medo de outros acharem ele bobo, no Gráfico 5 e se o filho sente vergonha, no Gráfico 6. Todos indicando que independentemente da idade dos escolares, “às vezes” e “raramente” são as respostas mais prevalentes, visto que muito disso se relaciona com o bullying e com a timidez.

A exposição à violência, física (como agressão) e verbal, como a prática do bullying, pode ser uma circunstância traumática que afeta, tanto a curto quanto a longo prazo, o bem estar das pessoas, especialmente de crianças, sendo difícil estimar a prevalência do bullying pela multiplicidade de

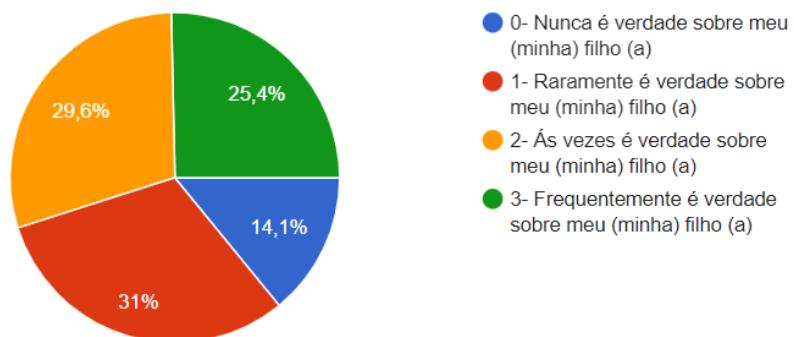
diversidades de metodologias aplicadas, tendo também as limitações temporais e culturais. Muitas vítimas dessa prática relatam sentimentos negativos como medo, raiva, preocupações e vontade de faltas às aulas (ALBUQUERQUE, 2013), sendo necessária uma pesquisa pós pandemia que compare essas nuances.

Gráfico 3 – Seu filho se importa que riem dele?



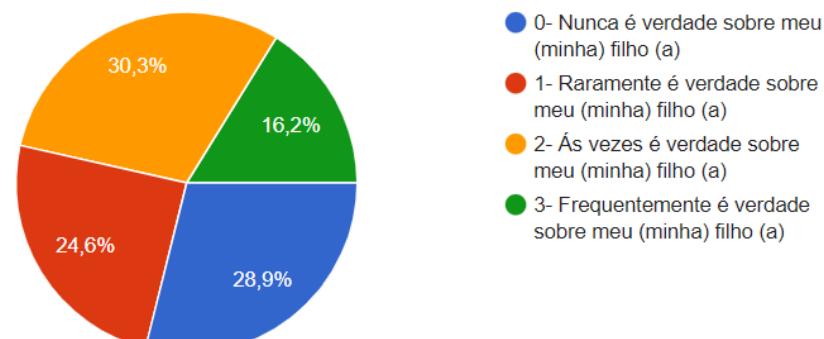
Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 4- Seu filho tem medo que outros colegas gozem dele?



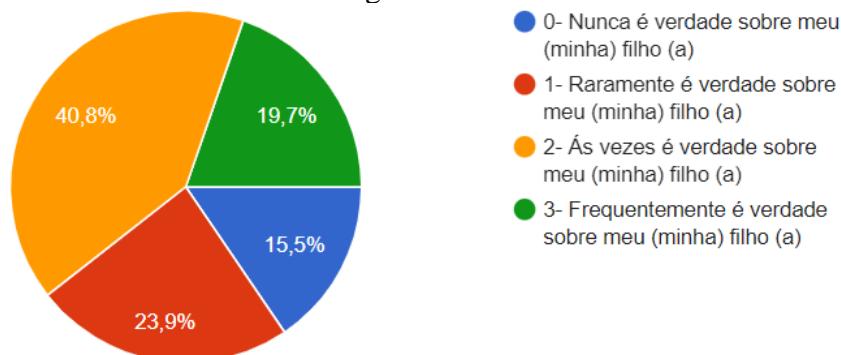
Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 5- Seu filho tem medo de outros acharem ele bobo?



Fonte: Dados da Pesquisa

Gráfico 6- Seu filho sente vergonha?

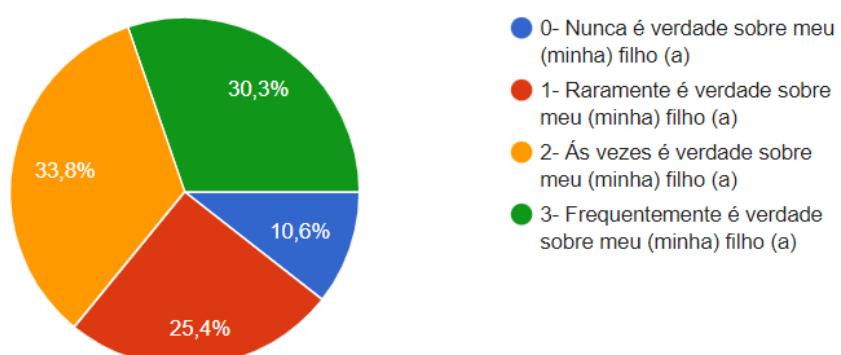


Fonte: Dados da Pesquisa

Ainda nas primeiras questões, sobre o filho ficar atento se há algum perigo, as respostas foram variadas, como demonstradas no Gráfico 7. Durante a pandemia, muitas crianças apresentavam medo do vírus ou medo de perder alguém, então, estar atento a perigos, se cuidar através da higienização das e do uso de máscaras também foram fatores que contribuíram para essas respostas. Assim como Correia apresentou em uma amostra de escolares, com a maioria afirmado ter medo de separação e sentimentos de solidão (CORREIA, 2021, p. 537-546). Também Romanzini, descreve que dentre as repercussões da pandemia em crianças o medo de contrair a infecção, de ficar doente, de sofrer alguma lesão física, o medo da separação ou de alguém próximo morrer e o próprio sentimento do medo de forma geral, predominou durante a pandemia (ROMANZINI, 2022, p. 148-163).

Em outro estudo, foi evidenciado que as crianças não estão alheias à pandemia e que sentimentos como preocupação e medo são prevalentes, sendo identificado também uma preocupação com a transmissão do vírus a entes próximos (FOLINO, 2021).

Gráfico 7- Seu filho fica atento a perigos?

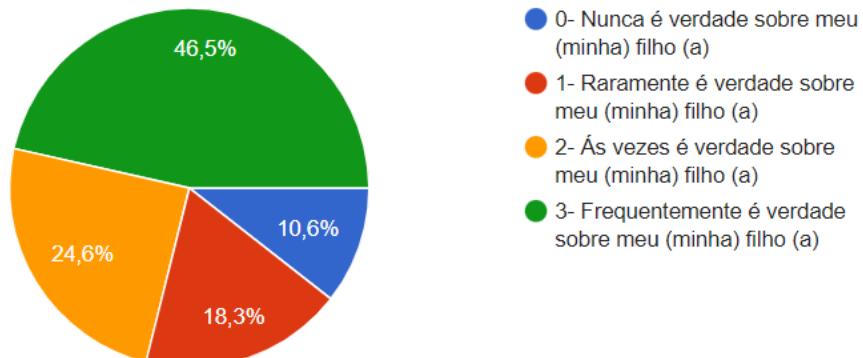


Fonte: Dados da Pesquisa

Ao ser questionado sobre o filho se esforçar para obedecer ao responsável entrevistado e obedecer aos professores, as respostas obtidas estão apresentadas no Gráfico 8. Devido ao período de

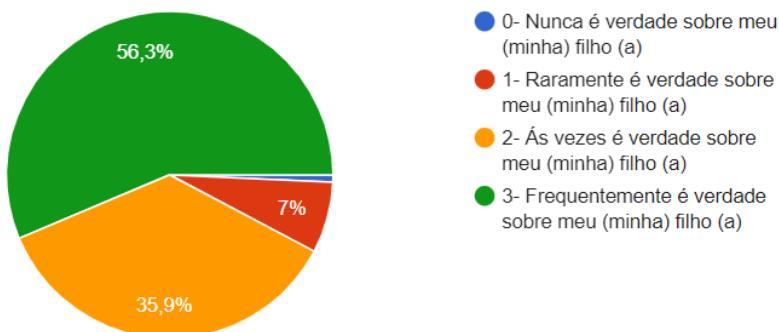
pandemia e isolamento, com as aulas suspensas, não se sabe ao certo quantos escolares puderam ter acesso a aulas remotas e quantos não puderam, para que possa ser avaliado o quanto o escolar se esforçou para obedecer aos professores; mas, justamente, quanto ao obedecer aos pais, dos quais muitos também ficaram em casa, é possível. Acrescentado à questão sobre o filho pedir permissão para fazer as coisas, conforme demonstrado no Gráfico 9, que também alude a questão da obediência.

Gráfico 8- Seu filho se esforça para obedecer aos pais e professores?



Fonte: Dados da Pesquisa

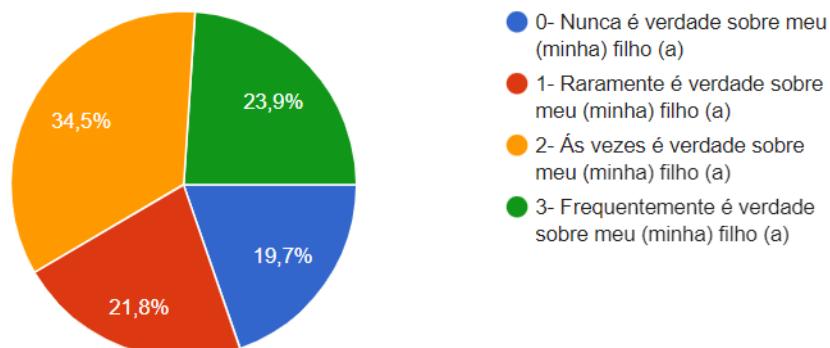
Gráfico 9- Seu filho pede permissão para fazer as coisas?



Fonte: Dados da Pesquisa

Do mesmo fato que na questão, “seu filho se preocupa em ser chamado na classe?”, não se sabe exatamente quantos escolares continuaram com as aulas remotas, mas, mesmo assim, a maioria das respostas foram “às vezes” ser verdade, conforme demonstrado no Gráfico 10.

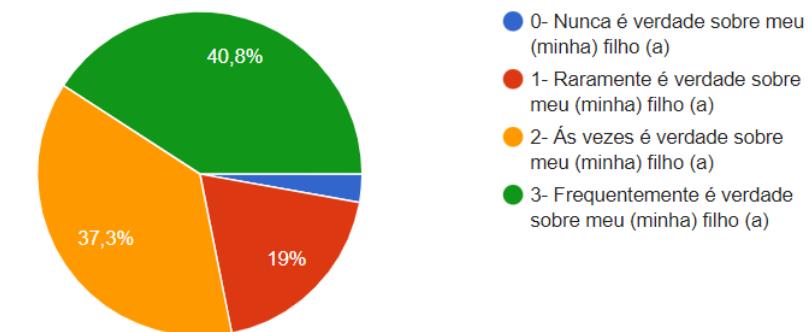
Gráfico 10- Seu filho se preocupa em ser chamado na classe?



Fonte: Dados da Pesquisa

As respostas para a pergunta, se o filho tenta ficar perto do responsável, conforme demonstradas no Gráfico 11, podem ser justificadas pelo fato de pais e filhos terem mais contato e passarem mais tempo juntos, principalmente, em decorrência do confinamento dentro de casa durante o período de isolamento social.

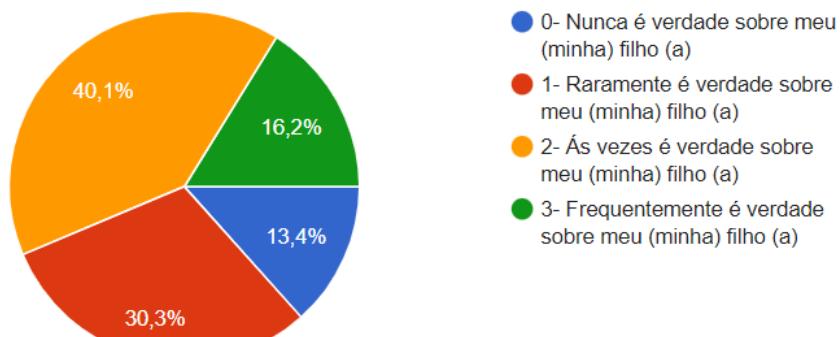
Gráfico 11- Seu filho tenta ficar perto de você?



Fonte: Dados da Pesquisa

Pelos quatro aspectos que a Escala MASC avalia como sintomas físicos, ansiedade social, comportamento de evitar o dano e separação/pânico, na questão sobre o filho verificar as coisas antes de fazê-las, conforme demonstrado no Gráfico 12, a maioria das respostas foram “às vezes” e “raramente”, porém, sem levar em consideração a discrepância das idades dos escolares.

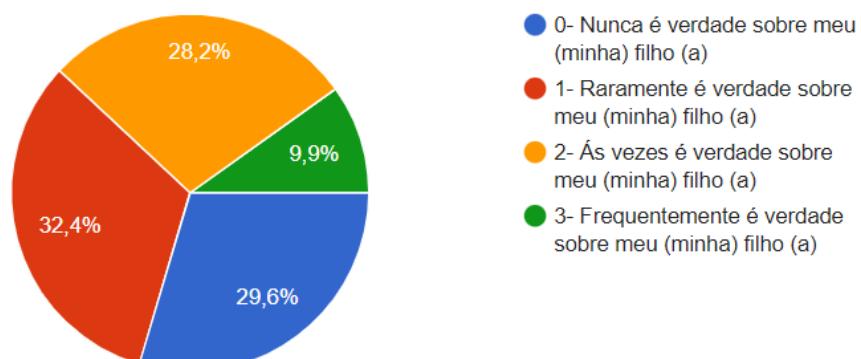
Gráfico 12- Seu filho verifica as coisas antes de fazê-las?



Fonte: Dados da Pesquisa

Na questão, sobre o filho se sentir desassossegado, conforme exposto no Gráfico 13, analisa-se o aspecto separação/ pânico da Escala MASC, que se intensificou devido às mudanças radicais do cotidiano, como confinamento em casa, privação de sair de casa para qualquer atividade e se relacionar com os colegas e família.

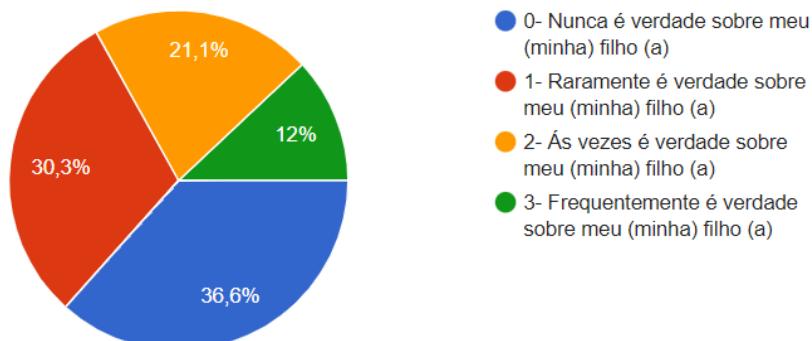
Gráfico 13- Seu filho de sente desassossegado/ sobressaltado?



Fonte: Dados da Pesquisa

No aspecto que avalia a ansiedade social da Escala MASC, a questão de se o filho evita sair sem a família se destacam, as respostas demonstradas no Gráfico 14, expõem que durante os anos de pandemia, mesmo com todas as mudanças e adaptações à nova realidade, a maioria (“nunca” e “raramente”) não evita sair sem a família.

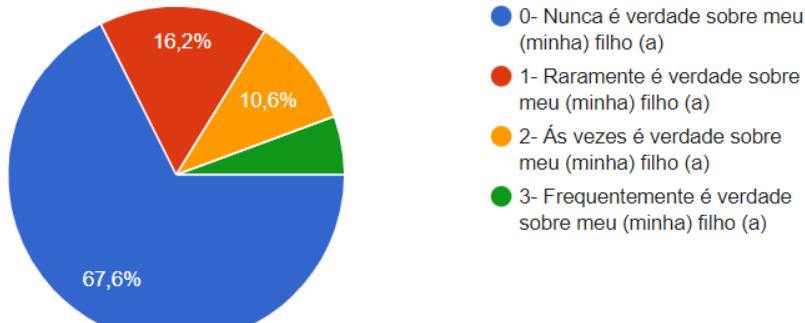
Gráfico 14- Seu filho evita sair sem a família?



Fonte: Dados da Pesquisa

Na questão sobre o filho se sentir estranho, esquisito ou fora da realidade, de acordo com o exposto no Gráfico 15, as respostas explicitam que mesmo os escolares sendo um grupo vulnerável, possuem grande capacidade de se adaptar às mudanças, justamente pelo fato de ainda estarem em desenvolvimento, o que não caracterizou uma preocupação do ponto de vista dos pais.

Gráfico 15- Seu filho se sente estranho, esquisito ou fora da realidade?



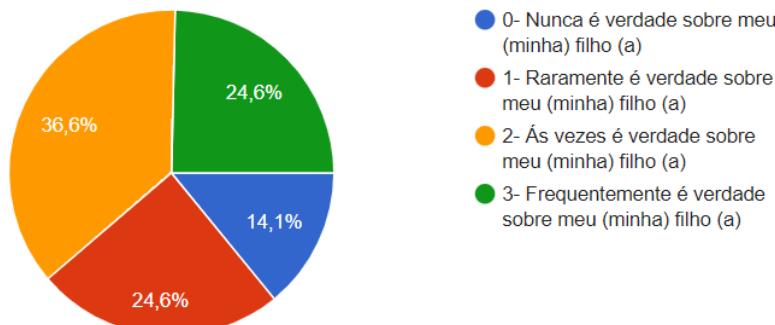
Fonte: Dados da Pesquisa

Nos questionamentos, sobre o filho tentar fazer as coisas que vão agradar os outros, conforme apresentado no Gráfico 16, e sobre o filho se preocupar com o que os outros pensam dele, segundo exposto no Gráfico 17, tem-se grande variedade nas porcentagens de cada alternativa das respostas, sendo “raramente” e “às vezes” a maioria delas. Expondo essa discrepância, que pouco da pandemia e suas nuances interferiram nas decisões dos escolares para agradar alguém e para se preocuparem se os outros irão gostar ou não independente do que pensarão deles, levando em conta o respeito e obediência os pais, que seria o mínimo de se esperar.

Um estudo de psicologia de Antony em 2009, já abordou que as crianças já são afetadas pelo sofrimento e acontecimentos à sua volta, sendo capazes de perceber as alterações de humor das pessoas do seu convívio, ainda reforçou que crianças que habitam em ambiente hostil e sem amor

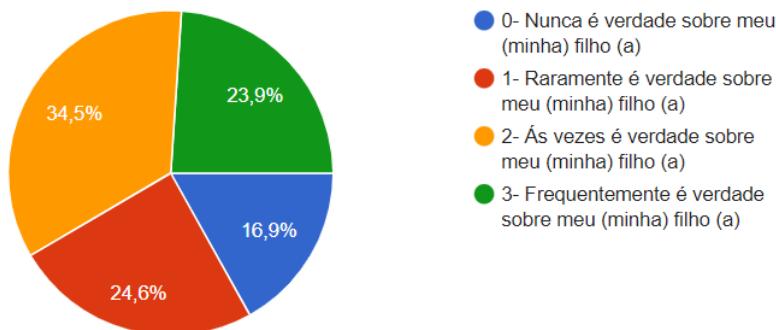
criam modos de se adaptar à situação de forma disfuncional para manter o equilíbrio emocional desse ambiente (ANTONY, 2009)

Gráfico 16 – Seu filho tenta fazer as coisas para agradar os outros?



Fonte: Dados da Pesquisa

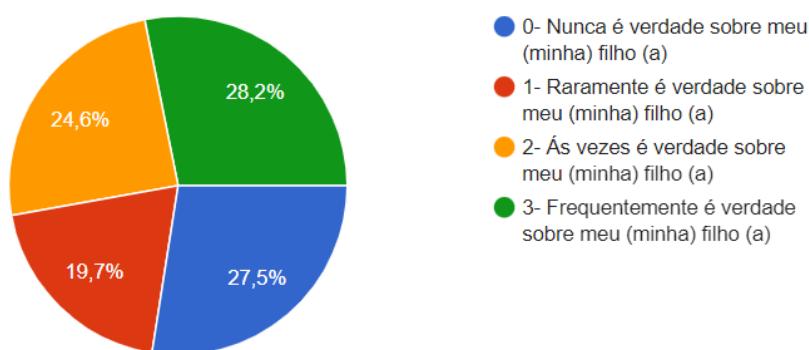
Gráfico 17 – Seu filho se preocupa com que os outros pensem dele?



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao perguntar sobre o filho evitar assistir filmes de televisão que assustam, dever ser levado em conta a preferência pessoal de cada um, assim como a preferência também dos pais e responsáveis, visto que muitos assistem a mesma coisa que eles. Então, somado à ansiedade, ao medo e ao confinamento da pandemia, as respostas podem ser analisadas no Gráfico 18.

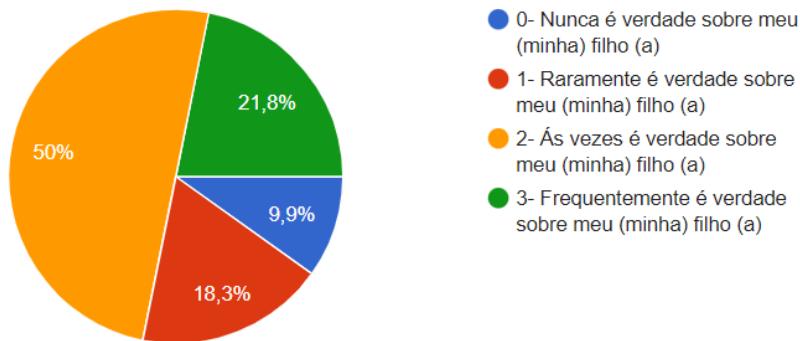
Gráfico 18- Seu filho evitar assistir filmes/ séries que assustam?



Fonte: Dados da Pesquisa

“Às vezes” correspondeu à metade das respostas na questão sobre o filho evitar as coisas que o aborrece, conforme exibido no Gráfico 19. Muito dessa resposta diz respeito ao desenvolvimento e percepção dos escolares, conforme foram crescendo e adquirindo maturidade.

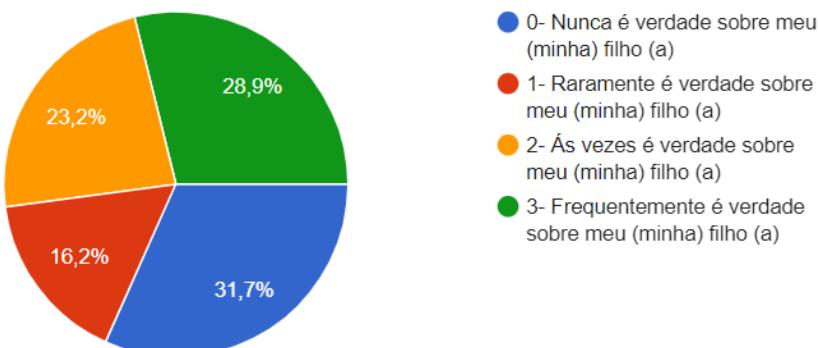
Gráfico 19- Seu filho evita as coisas que o aborrece?



Fonte: Dados da Pesquisa

Muitos fatores podem influenciar sobre o filho dormir junto com alguém da família, desde menor número de quarto na casa até p medo de estar sozinho; mas, mesmo assim, durante a pandemia a maioria se deu como nunca ser verdade, mas com uma pequena diferença teve também grande porcentagem a resposta frequentemente ser verdade, de acordo com o exposto no Gráfico 20. Mesmo já em 2016, um estudo apresentou a prevalência de crianças que partilhavam o quarto com outro familiar, comparando a outros estudos, um asiático e outro holandês, justificando tal prevalência com casas sobrelotadas, várias gerações da família presentes no mesmo domicílio, maior coletivismo e ainda valorização das relações interpessoais (LOPES, p. 211-216, 2016).

Gráfico 20- Seu filho dorme junto com alguém da família?

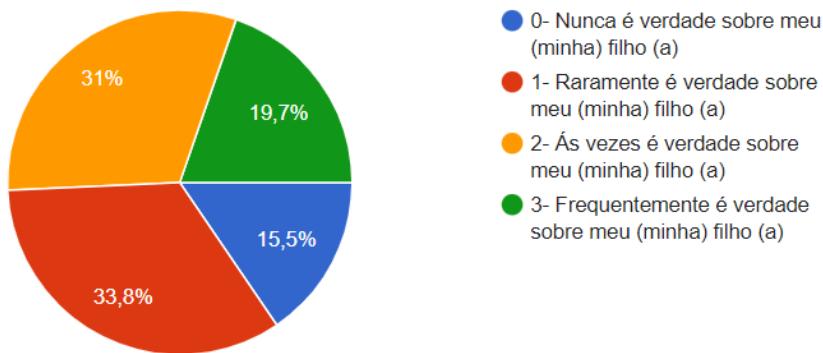


Fonte: Dados da Pesquisa

Ao se perguntar sobre uma obsessão ao fazer tudo perfeitamente na questão sobre o filho ter que fazer exatamente do jeito certo, mostrou-se, como observa-se no Gráfico 21, que a maioria se deu

como “raramente é verdade”, o que demonstra que essa obsessão não é verdadeira na maioria dos escolares pesquisados e a possibilidade de erro não é alarmante.

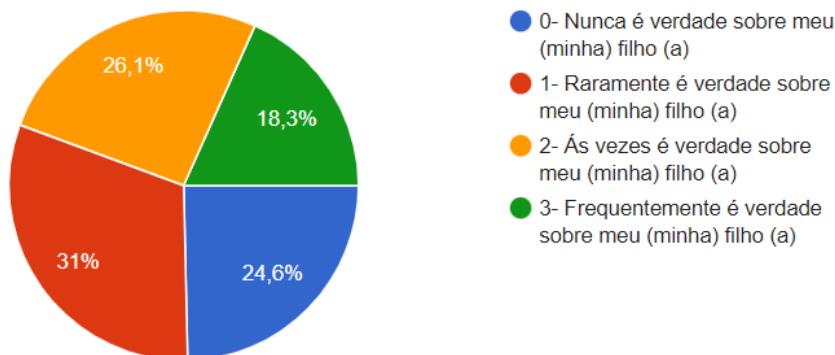
Gráfico 21- Seu filho tem que fazer tudo exatamente do jeito certo?



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao ser perguntado sobre o escolar se preocupar em fazer alguma coisa boba ou que o deixe sem graça, revela certa timidez, mas que “raramente” e “às vezes” podem ocorrer, como pode ser visto no Gráfico 22.

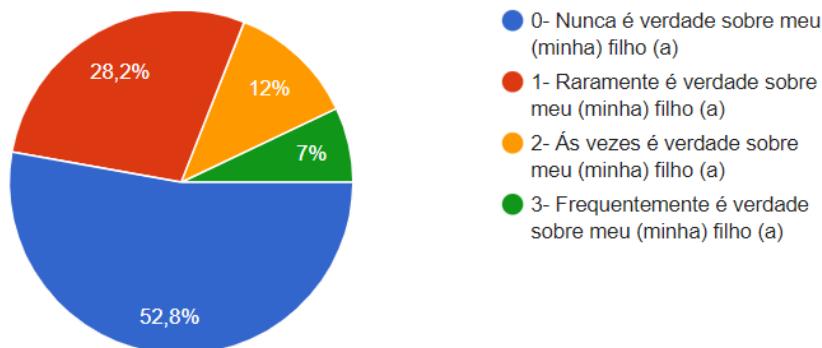
Gráfico 22- Seu filho se preocupa em fazer algo bobo ou que o deixe sem graça?



Fonte: Dados da Pesquisa

Quando perguntado se o filho sente náusea, a maioria foi respondido que “nunca é verdade”, conforme evidenciado no Gráfico 23, visto que o mal-estar no estômago pode estar relacionado a várias condições, como ansiedade, excesso de gases, verminose, excesso alimentar, efeitos colaterais de medicamentos e também um próprio sintoma gastrointestinal da COVID-19 (QUEIROZ, 2022).

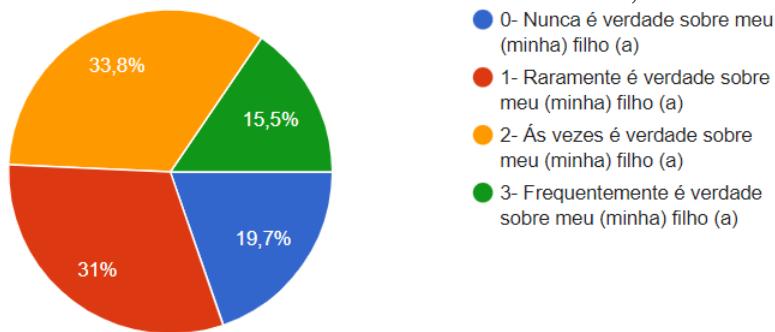
Gráfico 23- Seu filho sente mal estar no estômago?



Fonte: Dados da Pesquisa

Com a porcentagem de respostas bem parecidas, na questão de o filho ficar aborrecido ou com medo, ou contar logo para alguém durante a pandemia, de acordo com os dados apresentados no Gráfico 24 observa-se também o fato da interação do dia a dia ficar mais restrita a pessoas da casa, a segurança de sempre ter os responsáveis por perto, levando ao fato de contarem logo para alguém ou não.

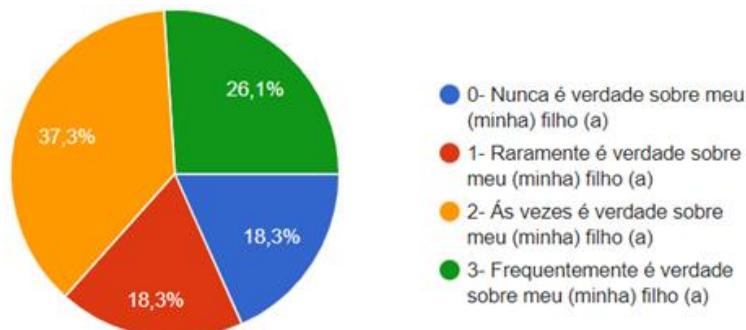
Gráfico 24- Seu filho fica aborrecido ou com medo, ou conta logo para alguém?



Fonte: Dados da Pesquisa

As respostas da questão sobre o filho ficar nervoso se tem que fazer alguma coisa em público, conforme apresentado no Gráfico 25, reflete também a alteração repentina da rotina dos escolares, pela falta de estímulo de atividades físicas, falta de fazer atividades ao ar livre, falta de contato com colegas e pessoas que antes era habituado a conviver, o costume de ficar mais sozinho e de sempre estar no mesmo lugar (casa) com as mesmas atividades.

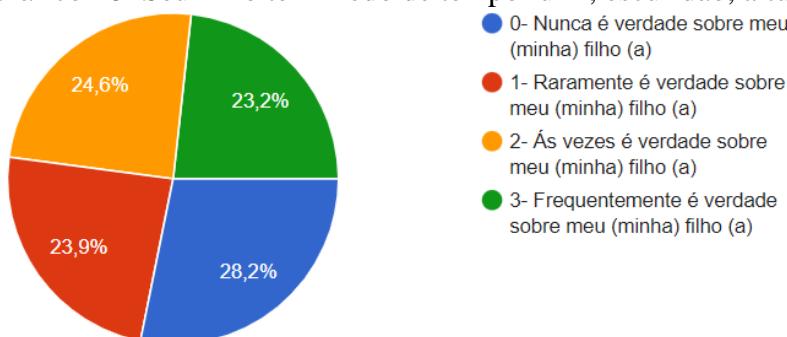
Gráfico 25- Seu filho fica nervoso se tem que fazer alguma coisa em público?



Fonte: Dados da Pesquisa

Como já relatado, com o impacto emocional durante a pandemia, foi apontado que os sentimentos mais comuns foram de medo, incerteza, angústia e ansiedade. Que pode ser comprovado pela questão do filho ter medo de tempo ruim, escuridão, altura, animais ou insetos, conforme pode se observar no Gráfico 26.

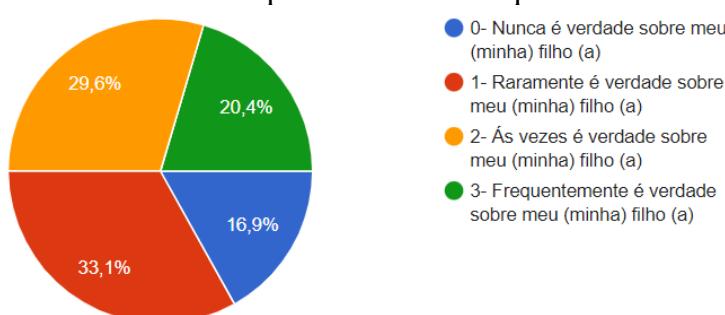
Gráfico 26- Seu filho tem medo de tempo ruim, escuridão, altura, animais ou insetos?



Fonte: Dados da Pesquisa

“Raramente”, foi a maioria das respostas na pergunta se o filho precisa ter certeza que as coisas estão seguras, conforme constatado no Gráfico 27, então é possível entender que os escolares não precisam ter constante reafirmação que estão seguras.

Gráfico 27- Seu filho precisa ter certeza que as coisas estão seguras?

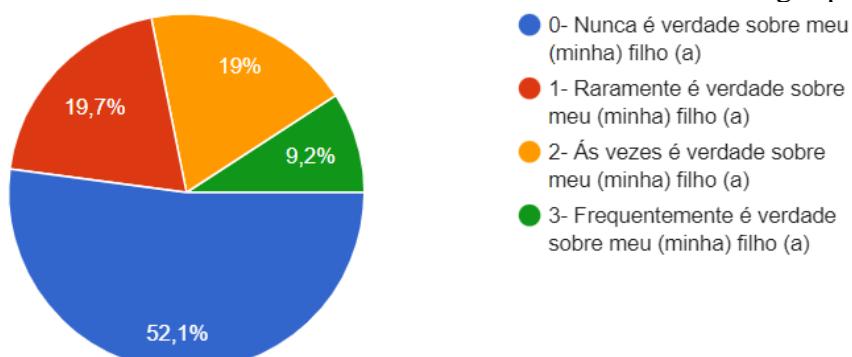


Fonte: Dados da Pesquisa

Apesar do isolamento social, a dificuldade em chamar outros colegas para brincarem com os escolares não surtiu com tanta preocupação, pelas respostas sendo maioria “nunca”, como apresentadas no Gráfico 28, e evidenciam que essa dificuldade pode não ser advinda apenas da pandemia e o confinamento em casa, mas também da timidez, facilidade de fazer amizade, convivência com outras pessoas da mesma idade.

A timidez, medo, raiva e humor negativo caracterizam o temperamento de crianças que são mais suscetíveis a apresentarem problemas de desenvolvimento, assim como aquelas com habilidades ao controle com esforço, ou seja, capacidade de regulação principalmente comportamental têm bons resultados de desenvolvimento (GRACIOLI, 2014).

Gráfico 28- Seu filho tem dificuldade em chamar outros colegas para brincarem juntos?



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao ser questionado sobre sintomas físicos nos escolares durante a pandemia, nas questões sobre o filho sentir falta de ar, mais da metade (70-75%) é relatado como “nunca”, bem como para a questão do seu filho ficar tremendo ou inquieto, mais da metade (50-55%) também foi respondida como “nunca”. Da mesma forma, na situação do filho ter tontura ou sensação de desmaio, a alternativa “nunca” teve a maioria de resposta (75-80%). Ter dores no peito também dominou a resposta “nunca” (65-70%), a questão sobre o coração do filho disparar, mais da metade (60-65%) referiu que “nunca” aconteceu isso. Sobre as mãos, se as do filho tremem, 70-73% responderam “nunca ser verdade” e as do filho ficarem suadas ou frias também como “nunca” (60-62%).

Todas essas perguntas abordam sintomas físicos que a ansiedade pode causar e apesar da maioria das respostas serem “nunca”, não devem ser desprezadas todas as respostas como “às vezes” e “frequentemente ser verdade”, porque muitos desses sintomas podem ter surgido no período da pandemia e do isolamento social, o que se torna preocupante a curto e médio prazo se não tiver acompanhamento e tratamento correto, já que são um grupo vulnerável e em desenvolvimento.

Algumas questões fazem alusão ao sentimento de medo, como se o filho sente medo ao responsável sair de casa, quase metade relata como “raramente” (40-50%). Assim como quase metade

das respostas da questão sobre o filho se assustar só em pensar ficar longe, também foram “nunca” (45-50%). Sobre o filho deixa a luz acesa a noite teve como resposta predominante “nunca” (43%) ser verdade e a grande maioria das respostas (80-85%) da questão sobre o filho ficar com medo ao andar de carro ou ônibus também é “nunca”. Certificando que o medo não predominou como sentimento nos escolares durante a pandemia, muito devido a maior convivência com pais e/ou responsáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se prontificou a abordar sobre as mudanças na saúde mental, no comportamento e na maneira de agir de crianças em idade escolar durante a pandemia da COVID-19 e isolamento social imposto como medida de segurança, evidenciando a interferência dessas situações.

Foram encontradas diversas situações que se destacaram durante esse período nos escolares, como tentar ficar mais perto dos pais, ficar nervoso, tenso e/ou inquieto, tentar agradar os outros, preocupação com o que os outros pensarão ou zombarão, dormir junto com alguém e sentir vergonha,

Conclui-se que os escolares que não conseguiram ter um bom acompanhamento durante esse período atípico, seja por parte da família ou da escola, precisam sim de acompanhamento para seu desenvolvimento pessoal, social e escolar, como psicólogos, educadores físicos, aulas extras de apoio, fonoaudiologia. Muitas medidas poderiam ter sido implementadas, porém conforme a disponibilidade dos pais e/ou responsáveis, como por exemplo, citados por Linhares, estabelecer horários e manter horários para todos os afazeres em casa, mantendo assim uma rotina, dividir tarefas entre os moradores da casa, estabelecer comunicação positiva com as crianças, evitar excesso de noticiários e telas, incentivar práticas de exercícios físicos (LINHARES, 2020).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE P.P *et al.* Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós traumático: uma revisão crítica. **Psic. Teor. e Pesq.** v. 29, n. 1, Mar, 2013.

ALMEIDA I. L. L., *et al.* Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Rev. Paul Pediatr.** 2020.

ANTONY, S. M. R.. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set., 2009.

ARAÚJO L. A., *et al.* The potential impact of the COVID-19 pandemic on childgrowth and development: a systematic review. **Jornal de Pediatria**, v. 97, n. 4, p. 369-377, 2021.

CORREIA C., LEAL I. Percepção de estilos educativos parentais e depressão, ansiedade e estresse na infância. **Psicologia, saúde & doenças** v. 22, n. 2, p. 537-546, 2021.

DINIZ E., et al. Parenting and child well-being during the COVID-19 outbreak: The importance of marital adjustment and parental self-efficacy. **Análise Psicológica**, v. 2, 2021.

DOS REIS, P., et al. Impacto do confinamento em crianças e adolescentes em Portugal. **Acta Med Port** v. 34, n. 4, p. 245-246, abr, 2021

FOLINO C. H. et al. A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. **Cad. Saúde Pública** v. 37, n. 4, 2021.

FREITAS L. et al. Indicadores de ansiedade social infantil e suas relações com habilidades sociais e problemas de comportamento. **Psicol. Pesqui.** Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 1-10, 2018.

GRACIOLI, S. A. et al. Temperamento e sua relação com problema emocionais e de comportamento em pré-escolares. **Psicol. Estud.** v. 19, n. 1, Mar, 2014.

GUANCINO L, et al. Prevenção de ansiedade infantil a partir do método friends. **Psico-USF, Bragança Paulista**, v. 25, n. 3, p. 519-531, jul./set. 2020.

LINHARES, M. et al. Reflexões baseadas na psicologia sobre os efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estud. psicol.** I Campinas 2020.

LOPES, S. et al. Diz-me como dormes: hábitos e problemas de sono em crianças portuguesas em idade pré-escolar e escolar. **Nascer e Crescer**, Porto , v. 25, n. 4, p. 211-216, dez, 2016.

OS SANTOS R. P., et al. Análise ética dos impactos da pandemia de COVID-19 na saúde de crianças e adolescentes. **Esc Anna Nery** v. 26, 2022

PEIXOTO D, et al. Impacto do confinamento na saúde das crianças e adolescentes durante a pandemia de COVID-19. Cartas ao Editor, **Acta Med Port**, v. 34, n. 4, p. 312-326, apr, 2021.

PRESA J, et al. Quem está olhando pela saúde mental das crianças brasileiras durante a pandemia? **Residência Pediátrica**, v. 10, n. 2, p. 96-98, 2020.

QUEIROZ, J. et al. Gastrointestinal manifestations of COVID-19 in pediatric age. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 31, n. 3, p. 226-233, set. 2022.

ROMÁN M D, et al. Current impact and future consequences of the pandemic on children's and adolescents' health. **Arch Argent Pediatr** v. 119, n. 6, 2021.

ROMANZINI A. et al. Repercussões da pandemia da COVID-19 em crianças do Ensino Fundamental. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. Especial 5, p. 148-163, Dez, 2022.

SALGADO D. **Estudo transversal:** tudo o que você precisa saber. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/estudo-transversal/>> Acesso em: 04.jul.2023.

UNASUS. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia do novo Coronavírus.** Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara->>

pandemia-de-coronavirus> Acesso 21.agosto.2022.

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, J. et al. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 356-360, 2018.